

A CRÍTICA DAS EVIDÊNCIAS DA RAZÃO NA OBRA DE BENJAMIN FONDANE E LÉON CHESTOV.

*THE CRITIQUE ON THE EVIDENCE OF THE REASON
IN BENJAMIN FONDANE AND LÉON CHESTOV'S WORK.*

GABRIELA BAL (*)



(*) **Gabriela Bal.** Pós-doutoranda do Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. Mestre e doutora em Ciências da Religião (PUC-SP). Graduada em Administração Pública (FGV/SP); Eutonista; Professora e coordenadora do Instituto Brasileiro de Formação Profissional em Eutonia. Autora do livro *Silêncio e Contemplação: uma introdução a Plotino*. Editora Paulus, 2007.

Email: bal@uol.com.br

Resumo: Benjamin Fondane (1898-1944), filósofo, poeta, dramaturgo, cineasta e crítico literário, judeu de origem romena, e seu mestre, Leon Chestov (1866-1938), filósofo de origem russa, judeu, ambos radicados em Paris, desenvolveram, a partir do diálogo estabelecido com a filosofia grega, a filosofia moderna, a literatura, a antropologia e a ciência, aquilo vieram a denominarem, como a marca de seu pensamento, “a crítica das evidências da razão”. Dois eixos principais norteiam a obra de Chestov e os seus desdobramentos podem ser reconhecidos na obra de Fondane: 1) a “crítica das evidências da razão” e 2) a busca daquilo que estes sempre apontaram, a partir de Plotino, como sendo “o mais importante”, o que está “além do Ser” – o *epekeina tes ousias* da República 509b9 -, o que está “além do conhecimento”, na perspectiva de Atenas e o que está além do Bem e do Mal, anterior portanto à Queda, na perspectiva de Jerusalém. Entre Atenas e Jerusalém, a obra de Chestov e de Fondane corresponde a um ensaio de “filosofia da religião” *avant la lettre*, ao apontar para a dimensão filosófica da fé, a qual vieram a denominar como sendo a segunda dimensão do pensamento.

Palavras-chave: Benjamin Fondane, Léon Chestov, filosofia trágica, fé, revelação.

Abstract: Benjamin Fondane (1898-1944), a Romanian poet, philosopher, playwright, filmmaker and literary critic, and his master Leon Chestov (1866-1938), a Russian philosopher, both Jewish established in Paris, developed from a dialogue established with Greek philosophy, the modern philosophy, literature, anthropology, and science, what they called, as the mark of their thought, "the critique of reason". Two main axes guide Chestov's work and its developments can be recognized also in Fondane's work: 1) the critique of the "evidences of reason" and 2) the search for what they have always pointed out, from Plotinus, as "the most important", what is "beyond Being" - the *epekeina tes ousias* of the Republic 509b9 -, which is "beyond knowledge" on the perspective of Athens and what is beyond Good and Evil, therefore previous to the Fall, in Jerusalem's perspective. Between Athens and Jerusalem, the works of Chestov and Fondane correspond to an essay on "philosophy of religion" *avant la lettre*, when they point out to the philosophical dimension of faith, that come to be called The Second Dimension of Thought.

Keywords: Benjamin Fondane, Leon Chestov, tragic philosophy, faith, revelation.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

A vida e obra de Benjamin Fondane, bem como a de seu “mestre” Léon Chestov, foram como que esquecidas pela História. Em seu tempo, no entanto, estes dois homens buscaram, ao realizar a sua “crítica das evidências da razão”, apontar para aquilo que a razão oculta e dissimula, - a esperança - e porque não dizer a fé, enquanto ínfima centelha ou dimensão “outra” do pensamento, ou ainda aquilo que vieram a denominar como 2ª *dimensão do pensamento*.

1. BREVE BIOGRAFIA DE BENJAMIN FONDANE E LÉON CHESTOV

Benjamin Fondane nasceu na Romênia, em Jassy, no ano de 1898 e foi exterminado na câmara de gás, em Birkenau, em 1944. Ao ingressar na literatura, ainda na Romênia, escolheu o pseudônimo artístico Fundoianu (seu nome de nascimento é Benjamin Vecsler) e, ao emigrar para a França, em 1923, veio a assumir o nome Benjamin Fondane. Seus primeiros ensaios datam de 1912 e apontam, de forma latente, na direção de uma crítica da racionalidade, sendo que esta tendência viria a se acentuar em seus escritos filosóficos, a partir de seu encontro com Léon Chestov, em Paris. Os últimos artigos redigidos na Romênia foram consagrados ao livro *Revelações da morte*, de Léon Chestov, nota-se assim surpreendentemente que ele já se preparava para o encontro com Chestov, em 1924, nos salões de Jules de Gautier. Os primeiros tempos em Paris foram muito duros. Paralelamente à poesia e à filosofia, Fondane participou do cinema de vanguarda, em Paris e em Buenos Aires, onde esteve por duas vezes, primeiro em 1929 e depois em 1936, onde rodou o filme *Tararira*. Entre 1932 e 1944 Fondane contribuiu com uma crônica periódica para a revista *Cahier du Sud*, intitulada “*La Philosophie Vivante*”, na qual publicou ensaios filosóficos importantes, nos quais dialogava com os filósofos Jean Wahl, Gabriel Marcel, Karl Jaspers, Heidegger, Lévinas, Maritain, Bergson, William James, Bachelard, Lupasco, Husserl, Cioran, entre outros. Em 1933 foram publicados simultaneamente o ensaio *Rimbaud le voyou* e seu poema *Ulisses*.

O conjunto de sua obra poética foi publicado com o título *Le mal des fantômes*, que deveria ter sido o título não apenas de sua obra poética, mas de suas “obras completas”, como havia indicado em sua carta-testamento endereçada à sua esposa, Geneviève Fondane. Em 1936 foi publicada sua obra de maior expressão antes da guerra, *La conscience malheureuse*, composta por um ensaio principal de mesmo título, ao qual acrescentam-se uma série de ensaios dedicados a Nietzsche, Gide, Husserl, Bergson, Freud, Kierkegaard, Heidegger e Chestov. Esta obra foi reeditada em 1979. Em 1937 publicou o poema *Titanic* e, em 1938, o *Falso Tratado de Estética (Faux Traité d’Estetique)*. Como obras póstumas, escrito em 1944, a pedido de Jean Grenier, seu último ensaio intitulado *Le Lundi existentiel et le Dimanche de l’Histoire*, veio a ser publicado um ano após a sua morte (1945), na coleção coletiva *l’Existence* e o livro inacabado, publicado apenas em 1998, *L’Être et la connaissance : Essai sur Lupasco*.

Léon Chestov, filósofo e escritor russo, se exilou na França em 1920/1921, fugindo da Revolução de Outubro. O pensamento de Chestov (e de Fondane), se apoia eminentemente sobre dois pilares, a “crítica das evidências da razão”¹ e a sua busca daquilo que eles sempre apontaram, a partir de Plotino, como sendo “o mais importante”.² Em sua ânsia por denunciar os desmandos da razão, Chestov começou por escrever seus “aforismos paradoxais e provocadores”, denominados por ele como a “luta contra as evidências da razão”, uma forma de filosofia que veio a ser denominada, ainda num primeiro momento, como filosofia do desenraizamento³ e, a partir de sua leitura das obras de Dostoievski, passou a ser designada como “filosofia da tragédia”,⁴ e por último, a partir da leitura de Kierkegaard,⁵ tomou os contornos daquele que seria “o primeiro momento da filosofia existencial”, em consonância com os primeiros filósofos existenciais, com os quais dialogava, Kierkegaard, Nietzsche, Dostoievski e Chestov. Este primeiro momento da filosofia existencial foi substituído e porque não dizer, “esquecido”, após a 2ª grande

¹ Ver o artigo de Fondane, “Léon Chestov et a lutte contre les évidences”, publicado em 1938, na *Revue philosophique de la France et de l’étranger*, juillet-août, 1938 e reeditado no livro *Rencontres avec Chestov* (1982, p. 213-250)

² Sobre “o mais importante”, ver infra, nota 13.

³ Geneviève PIRON explica em seu artigo “Au sources de l’inspiration: Chestov et l’esthétique”. *Cahiers Benjamin Fondane* 10, 2007, p. 108, que o termo “desenraizamento” no russo (potchva) significa tanto solo, terroir (termo de difícil tradução, que significa um conjunto de terras, uma região, com seus costumes etc.), mas também um fundamento filosófico”.

⁴ Ver CHESTOV, *La philosophie de la tragédie: Dostoievski et Nietzsche*. Les bruit du temps, 2012.

⁵ Ver CHESTOV, *Kierkegaard et la philosophie existentielle – Vox clamantis in deserto*. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 1972.

Guerra por aquele que veio a ser denominado com o título de “filosofia existencial”, a partir de Sartre.

A obra de Chestov não pode ser nem catalogada nem descrita de maneira sistemática ou uniforme porque ela não se deixa apreender pela razão, a qual ele mesmo critica. Apresentamos a seguir apenas os principais títulos de suas obras para que se possa ter uma ideia do desenrolar de seu pensar no tempo: 1) *Shakespeare e sua crítica Brandès*; 2) *A ideia do bem em Tolstoi* 3) *As Revelações da morte*; 4) *Sobre os confins da vida - apoteose do desenraizamento*; 5) *O poder das chaves*; 6) *O que é o bolchevismo?*; 7) *A noite do Gethsemani: Ensaio sobre a filosofia de Pascal*. E, após o encontro com Fondane: 8) *A Filosofia da tragédia, Dostoievski e Nietzsche*; 9) *Sobre a Balança de Job - Peregrinações através das almas*; 10) *Kierkegaard e a filosofia existencial*; 11) *Atenas e Jerusalém, ensaios de filosofia religiosa*.⁶

2. A CRÍTICA DAS EVIDÊNCIAS DA RAZÃO EM CHESTOV E FONDANE

A crítica das evidências da razão pode ser compreendida, num primeiro momento, a partir do horizonte traçado por Fondane, em *La conscience malheureuse*:

⁶ Bibliografia de Léon Chestov 1) *Shakespeare et son critique Brandès*, Saint-Pétersbourg, 1898, 1911. 2) *L’Idée de bien chez Tolstoï et Nietzsche* (Philosophie et Prédication), Saint-Pétersbourg, Revue Русское богатство, n° février-mars 1900; Paris, Éditions du siècle, introduction de Jules de Gaultier, traduction T. Beresovski-Chestov et Georges Bataille, 1925 ; rééd. Paris, Éd. Vrin, 1949 et 2000. 3) *Les Révélations de la mort: Dostoïevski et Tolstoï [Dostoevskij i Nitše]*, Saint-Pétersbourg, L’Univers de l’art [Мир искусства / Mir iskusstva], six numéros de 1902 (trad. Boris de Schloezer), Paris, Plon, coll. «Cheminements», 1923 (réimpr. 1958), 210 p. 4) *Sur les confins de la vie. (Apothéose du déracinement) [Apoféoz bespočvennosti (Opyt adogmatičeskogo myšleniâ)]*, Saint-Pétersbourg, 1905; rééd. Paris, 1927. 5) *Le Pouvoir des clefs (« Potestas clavium »)* (écrit en 1915), Berlin, Ed. Skify, 1923, traduction Boris de Schloezer 1928, Paris, Flammarion 1967, précédé de Rencontres avec Léon Chestov par Benjamin Fondane ; Éd. Le Bruit du temps, 2010. 6) *Qu’est-ce que le bolchevisme ?*, Éd. Otto Elsner Verlagsgesellschaft, 1920. Rééd. Le Bruit du temps, 2015 (édition suivie de Les oiseaux de feu et de Les menaces des barbares d’aujourd’hui). 7) *La Nuit de Gethsémani: Essai sur la philosophie de Pascal* (trad. M. Exempliarsky), Paris, Bernard Grasset, coll. « Les Cahiers Verts » (n° 23), 1923, 161 p. 8) Réédition Éditions de l’éclat, Paris, 2012. Após o encontro com Fondane: 8) *La Philosophie de la tragédie, Dostoïevski et Nietzsche* (Éd. J. Schiffrin, Éditions de la Pléiade, 1926), traduction et préface Lecture de Chestov par Boris de Schloezer, Flammarion, 1966, 359 p. ; réédition Le Bruit du temps, 2012. 9) *Sur la balance de Job. Péréginations à travers les âmes [Na vesah Iova (Stranstvovaniâ po dusam)]*, Paris, 1929 ; 10) *Introduction : lettre de l’auteur à ses filles*. Traduction Boris de Schloezer, Plon, 1958, 361 p. rééd. Flammarion, 1971, 1992); puis Éd Le Bruit du Temps, 2016. 11) *Pages choisies (Anthologie)*, Paris, Éd. Gallimard, 1931, traduction Boris de Schloezer. 12) *Témoin à charge*. Paris, Denoël et Steele, 1936. 13) *Kierkegaard et la philosophie existentielle*, 1936. 14) *Athènes et Jérusalem, essai de philosophie religieuse*, 1938.

Tudo acontece, segundo o pensamento chestoviano como se existisse, além daquela de Kant, outras duas críticas da razão pura. Uma extremamente antiga, aquela do Gênesis; outra a de Dostoievski. O Gênesis, de fato, afirmava que existia no paraíso, num modo de liberdade pura no qual a morte era ausente e a *ananké*, uma árvore portadora dos frutos da ciência do bem e do mal, da necessidade. E, Deus tendo dito ao homem: “Não toque nesta árvore, se não morrerás”, fez a primeira crítica da razão pura: ele declarou que ela era a morte. Quanto a Dostoievski, filho estranho de um mundo no qual a morte se fazia passar por vida, e onde a necessidade reinava soberana e absoluta, haveria apenas uma única maneira de se fazer a crítica da razão; tratava-se de reconhecer a sua soberania, mas de admitir que se ela possuía o direito absoluto de lhe cortar a cabeça, ela não tinha, no entanto, o menor poder de obter o seu *consentimento*. Ele reconhecia que nós não a podemos destruir batendo a cabeça, mas *afirmava* que o homem pode escapar dela, que tem o direito de lhe mostrar a língua – e mesmo, se for preciso, se tornar louco. (FONDANE, 2013, p. 285)

Quando a razão, considerada enquanto forma privilegiada e única de conhecimento é colocada no lugar do *nous*, o intelecto, que ela mesma postula como sendo o lugar o mais elevado, e que ela presume ser o lugar de Deus, a razão então deixa de ser um instrumento para se tornar um fim em si mesma e mais, um instrumento de poder. Fondane não silencia jamais os horrores da "razão" em sua potência e prepotência destruidoras. “É a necessidade, a Lei natural, a Razão, a Força, que são uma violação do milagre, da liberdade, da vida, do Espírito. (...) O que chamamos comumente história, é apenas a História da Força” (FONDANE, 2013, p.301).

Esquecemos que somos escravos da necessidade de duas maneiras, afirma Fondane. A primeira, por não a questionarmos, nem reconhecermos sua falácia, ao considerá-la uma condição necessária; e a segunda, a partir da qual se busca fugir da necessidade, pela via da negação, o que significa ainda manter-se ainda mais atrelado a ela. Ao buscar entender os “horrores da humanidade”, os horrores causados pela “deificação” da razão, Fondane “toca o mal”, o mal disfarçado de Bem e, a partir daí esboça a sua crítica a uma visão “otimista da humanidade”, por reconhecer ser justamente esta a que habilmente conduz aos seus maiores horrores. E neste sentido ele diz: “Uma tal visão exageradamente *otimista* (cf. *Estado Deus* de Hegel) está na origem dos males mais importantes que afligem o mundo moderno”. (FONDANE, 1990, p. 136).

É o anseio pelo Bem, acima de qualquer instancia, ainda que reconhecido enquanto anseio ético, que Fondane aponta e denomina como os horrores da história, aos quais ele associa, “as paixões, os horrores e a auto complacência” (FONDANE, 1990, p. 64). Reconhecer o Bem e evitar a todo custo o mal, fugir desesperadamente da angústia que a contradição evoca, aceitar como inevitável a necessidade e a soberania da razão,

através da passividade e da resignação, sem questionar, este sim é o grande mal para Fondane.

O poeta-filósofo era conhecido um “irresignado”, tanto assim que se recusou terminantemente a portar a estrela amarela. Escondido por seu pseudônimo, ele se sentia como que invisível na Paris ocupada. Mesmo durante a guerra e apesar dela, continuou a encontrar seus amigos, a escrever peças de teatro, poemas, ensaios literários e filosóficos.

Havia nele uma urgência, era como se precisasse “correr contra o tempo”, ir além das “evidências” tanto no sentido daquilo que impede a “existência” da vida mesma, a razão, como no sentido existencial mais profundo. Ele mesmo denominava sua filosofia de “filosofia do concreto” (JUTRIN, 2009, p. 185). Sua escola é a Vida, é tudo o que ele observou e conheceu, na própria carne e que, ao reconhecer, nas suas próprias palavras e na dos filósofos com os quais dialogou, não pode receber denominação alguma, pois “negaria a si próprio se viesse a denominar a sua filosofia de existencial”.⁷

Sua força era o “grito” e seu grito nada mais é que um NÃO, uma forma de irresignação, uma forma de sair do torpor e de ajudar os outros a despertarem através de sua poesia e filosofia, bem como através de seu exemplo de vida. Assim como Jó, o filósofo-poeta, grita diretamente a Deus, ele exige de volta tudo o que lhe foi retirado dizendo que,

Não é a necessidade, mas a liberdade que rege as relações de homem a homem e do homem a Deus; que nós temos *o direito* de desobedecer até mesmo a Deus e de pedir um árbitro entre o homem e ele; que se enganar diante de Deus é uma maneira de ter razão; que é preciso abandonar a razão pela via do absurdo, não ao negligenciar a vida, mas bem ao contrário colocando-a bem no centro de Tudo – e até mesmo exigir de Deus que nos seja dado de volta tudo aquilo que nos foi retirado. (FONDANE, 2013, p. 289-290)

A coragem necessária para se deixar ser conduzido para além do Bem e do Belo nos parece absurda, no entanto se não houvesse o absurdo, não se poderia ir além dos desmandos da razão. O grito, o grito de Jó, aquele que ninguém jamais gostaria de deixar reverberar os ecos, até os ossos, em si mesmo, é este o grito que, se não fosse abafado,

⁷ Neste sentido, opto por não dar “nome” à filosofia de Fondane, por não a considerar no escopo das “filosofias existências” como Michel CARASSOU em *Benjamin Fondane et la philosophie existentielle: quelques mises au point*. <http://www.benjaminfondane.org/documents/Benjamin-Fondane-et-la-philosophie-existentielle.pdf>. Acessado em 12/6/17.

poderia reverter até mesmo a história, pois a história se dá em saltos e as mudanças acontecem, tanto para o melhor quanto para o pior, infelizmente muitas das vezes.

Em Jó, o grito a Deus vem Só, só quando se perdeu tudo, quando todas as ilusões perderam sentido, de repente, num instante. É como despertar de um pesadelo quando sabemos estar sonhando, mas sem poder sair. Esse é o maior pesadelo, estar preso no sonho, como estamos. O despertar acontece ou não acontece. Ele é instantâneo, é como um salto para fora do abismo, um tema recorrente em Fondane, salto às avessas, para o nada. Ele vem no momento em que menos se espera, quando as pessoas não buscam, nem esperam mais nada, é neste momento que, segundo Fondane, se entra na “segunda dimensão do pensamento”, que seria como começar a enxergar com novas lentes de óculos, através das quais se pode ver o mundo real.

3. A SEGUNDA DIMENSÃO DO PENSAMENTO OU A FÉ

A segunda dimensão do pensamento abre uma perspectiva inusitada para falar das tantas coisas que a razão não dá conta de abraçar. Fondane e Chestov tatearam nos vãos as brechas que permitiriam antever o que subsiste antes de existir, o mesmo que venho buscando desde que iniciei meus estudos de Plotino: dizer "o pensamento anterior ao pensamento". Não há outra maneira de percorrer este caminho senão tateando e removendo todos os excessos que a razão instaura, como eles o fizeram. O caminho destes dois filósofos foi árduo e solitário e, eu insisto, eles não foram compreendidos em sua época e mesmo hoje, poucos os reconhecem.

Chestov e Fondane dialogavam com os filósofos de seu tempo, e muito especialmente, com Husserl e Buber, assim como com Heidegger.⁸ A descoberta de Kierkegaard, após o encontro com Buber em 1928, em Frankfurt e ainda no mesmo ano o encontro de Chestov com Husserl e Heidegger na casa de Husserl, representou um *turning point* no pensamento de Chestov, e seus ecos reverberaram sem dúvida em Fondane, pois foi justamente neste “entretempo”, a partir de 1926, que pouco a pouco, os encontros entre os dois filósofos se tornaram mais frequentes (FONDANE, 1982, p. 18-

⁸ Estes encontros foram narrados nos livros *Rencontres avec Chestov* (1982) de Fondane e *Vie de Léon Chestov I-II* (1991-1993), escrito por sua filha, Nathalie Baranoff-Chestov.

19). Esses encontros foram narrados no livro, *Rencontres avec Chestov*. A crítica às evidências da razão, empreendida até aqui se amplia e encontra um fundamento outro, a partir da literatura bíblica da “verdade revelada” e mais especialmente da leitura paradoxal do livro do *Gênesis*. Afirma Chestov na introdução de seu livro, *Kierkegaard et la philosophie de l’existence*:

Em conformidade com isso (que o saber que constrange é uma abominação, a fonte do pecado original), “o contrário do pecado não é a virtude, mas a liberdade”, e ainda, “o contrário do pecado é a fé”. A fé, somente a fé livra o homem do pecado; somente a fé pode arrancar o homem do poder das verdades necessárias que se apoderaram de sua consciência após ter experimentado o fruto proibido. E somente a fé dá ao homem a coragem e a audácia de olhar diretamente nos olhos da morte e da loucura e de não esmorecer diante delas. (CHESTOV, 1972, p. 27) Grifos meus

E ele insiste, mais adiante, e quantas vezes for necessário, “O contrário do pecado não é a virtude, mas a fé”. (CHESTOV, 1972, p. 116, 125)

É partir do desespero, no sentido bíblico daquele que *clama das profundezas* (*De profundis clamavi ad te, Dómine* – e que diz, “Das profundezas, clamo a ti, Senhor”, Salmo 129), que Chestov começa a estabelecer uma possível correlação entre a filosofia existencial e a verdade revelada nas escrituras. É neste sentido, que a fé é considerada por Chestov uma nova dimensão do pensamento (CHESTOV, 1972, p. 33), pois para ele “a fé começa precisamente lá onde termina o pensamento”, ou melhor dizendo, a fé nasce a partir do paradoxo e do absurdo (CHESTOV, 1972, p. 116, 150). Ultrapassar o limiar da razão parece uma afronta e uma ousadia. O pensamento que subjaz à crítica das evidências da razão, como o seu fundo, como aquilo que os nossos filósofos escreveram apenas de maneira indireta, ou através de alusões, por imperfeição de nossa linguagem, recebeu o nome de *segunda dimensão do pensamento*. A dimensão da fé, enquanto “realidade outra” não necessariamente nega a razão, ela apenas não aceita a sua supremacia e nem considera que esta possa ser tomada enquanto a única forma ou dimensão exclusiva do pensamento.

Fondane bebe em Chestov e se alimenta de seu pensar transformando-o em seu, seu alimento e sua maneira de reconhecer, junto a seus próprios interlocutores, os seus ecos. O filósofo-poeta se interessou, especialmente durante o período que antecedeu e durante a 2ª guerra, pelo pensamento do historiador da filosofia, sociólogo e etnólogo,

Lucien Levy-Bruhl (1879-1939),⁹ e do filósofo e físico romeno, seu amigo Stephan Lupasco (1900-1988), o precursor e grande influenciador do pensamento transdisciplinar.¹⁰ A sua última obra, interrompida por sua morte prematura, *L'être et la connaissance: Essai sur Lupasco*, deveria incluir uma reflexão sobre as ideias de Chestov, Levy-Bruhl e Stephan Lupasco, mas acabou somente por contemplar o diálogo com a obra de Lupasco.

Ao *A Deus tudo é possível*, se opõe a razão que constrange, a lógica racionalista que considera como único e verdadeiro o “modo de pensar lógico do Ocidente”. Com vistas a se contrapor a este pensamento, Fondane buscou se apoiar nas “descobertas” e conclusões de etnólogo, Levy-Bruhl, relativa ao modo de pensar dos “povos primitivos” (aquele dos povos sem escrita). A partir de Levy-Bruhl, Fondane pode constatar aquilo “já sabia”, mas que não tinha palavras para dizer: o fato de que o pensamento dos povos “ditos primitivos” é apenas e simplesmente diferente do pensamento lógico, e conseqüentemente, nem melhor, nem pior que este. E, ainda neste sentido, ele complementa apontando para o fato de que o pensamento lógico corresponderia apenas a um “habito mental”, a uma vontade de dominação e de constrangimento (FONDANE, 1940, p.12).

A partir das constatações acima Fondane e Chestov puderam ainda concluir, a favor de sua tese e enquanto crítica das evidências da razão, que o pensamento lógico não corresponde ao apogeu de uma linhagem de pensamento, mas que sim existem outras formas de pensar (FONDANE, 1940, p. 11) que funcionam a partir de outras bases, no caso dos primitivos estudados por Levy-Bruhl, o pensamento por participação. Levy-Bruhl define participação dizendo que a essência da participação consiste precisamente no fato de que a dualidade se desfaz e que, *apesar do princípio de contradição*, o sujeito é ao mesmo tempo ele mesmo e o ser no qual ele participa (FONDANE, 1940, p. 13).

⁹ Dentre as obras de Levy-Bruhl que mais interessaram a Fondane, destacam-se: *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures* (1910); *La mentalité primitive* (1922); *L'Âme primitive* (1927); *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive* (1932); *La mythologie primitive* (1935); *L'expérience mystique et les symboles chez les primitifs* (1938). Uma compilação de seus últimos escritos foi reunida e publicada em 1949, por Maurice Leenhard, seu aluno, com o título *Carnets. Levy-Bruhl* foi o segundo diretor da *Revue Philosophique de la France et de l'étranger*, na qual tanto Fondane quanto Chestov, assim como os mais importantes filósofos do entre guerras puderam publicar os seus escritos.

¹⁰ Sobre a relação entre Fondane e Lupasco, ver o artigo de Basarab Nicolescu, “O diálogo interrompido: Fondane, Lupasco e Cioran”, publicado em português no livro *O que é a realidade? Reflexões em torno da obra de Stéphan Lupasco* (2012), a partir do qual vim a conhecer Benjamin Fondane.

Trata-se na verdade de um outro tipo de saber, que num primeiro momento foi definido por Levy-Bruhl com o termo, “pensamento afetivo”, como uma emoção ou um pensamento afetivo revelador de uma experiência de uma “realidade outra”, diferente da realidade de nossas experiências ordinárias. No conhecimento por participação, não há oposição entre conhecer e sentir. Não se trata, assim, de *ou* “conhecer” *ou* “sentir” e sim da fusão de um sentir que é um conhecimento de ordem afetiva, uma fusão entre aquele que conhece e aquele que é conhecido, de modo a que *a revelação* – e este é o termo utilizado por Fondane e por Chestov ao se referirem à revelação bíblica –, seja aquela que se impõe a tudo o que é representado e pensado (FONDANE, 1940, p. 19-21). Em *Kierkegaard et la Philosophie existentielle*, Chestov define Revelação nos seguintes moldes:

A revelação é precisamente revelação porque ela nos faz descobrir, contrariamente a todas as evidências, que a Deus tudo é possível e que não existe nenhum outro poder ao lado da toda-potência ou onipotência (*toute-puissance*) divina”. (CHESTOV, 1972, p. 136-137).

A revelação seria uma experiência, sinônimo de experiência mística, para Chestov e Fondane? Participação seria ainda sinônimo de revelação e experiência mística? Estas são as questões às quais Fondane e Chestov se propuseram, em seus escritos e nas suas vidas, a desvelar, ao integrar o paradoxo, ao contemplar a “irresignação” e a fé enquanto exigências existenciais, e mais, enquanto urgência de transcendência. Os limites da razão nunca representaram para eles um limite, mas sim um impulso para ir “além”, além da razão e de suas limitações. Sempre que os nossos filósofos se viram diante deste limite, como um abismo, eles vieram a buscar o socorro de Plotino (205-270), filósofo neoplatônico, que primeiro anteviu e contemplou o que eles estavam vendo e que agora lhes caberia apontar, uma via que confirma a existência de um *além da razão*.

Fondane começa o seu artigo, *Sur les rives de l’Ilissus – après la morte de Léon Chestov*,¹¹ artigo escrito após a morte do filósofo, com a epígrafe de Plotino sobre *o mais importante*.¹² *O mais importante* para os três filósofos é o que se encontra para além da

¹¹ Este artigo corresponde à introdução do livro Benjamin Fondane: Rencontres avec Léon Chestov.

¹² Chestov e Fondane utilizam esta formulação relativa ao que é “o mais importante”, com frequência. O mais importante ao qual referem-se, diz respeito à dialética, compreendido sempre a partir de uma alusão e referência a Plotino (Tratado 20 [I, 3, 5], Sobre a dialética). Cf. Jean-Michel Charrue, em nota relativa à sua tradução do Tratado 20 (I3), 5, nota 57, “a dialética é considerada como a disposição (ver hexis em 4,3)

razão. Além do Um e do êxtase plotiniano, se encontra, mais além, o infefável, aquele que não se deixa apreender nem mesmo pelo conceito de unidade, porque este ainda pode ser apreendido de alguma maneira. Quando deslizamos para além mesmo do “raciocínio bastardo”, aquele que ainda consegue conceber a dualidade e o Mal, somos arremessados ao “pensamento anterior ao pensamento”, para além da simplicidade, a uma experiência de abismo, o mais completo.

Dois caminhos se abrem a esta reflexão: um partir da necessidade, da falta, do mal, do tédio, do *ennui*, do pecado e outro a partir da Plenitude, do êxtase, da experiência unitiva e da redenção. A questão que não cala diz respeito a como do Nada o Nada se transformou em alguma coisa? O Nada, a serpente, o tédio-*ennui* corresponderiam ao momento de indefinição pré-noética, a partir do qual o pensamento passa a não “apreender” mais nada, não por incapacidade sua, mas por seu próprio esgotamento, porque ali ele não pode mais sequer constranger. Além do *nous* tem-se a impressão de não existir mais nada, o que pode parecer desesperadamente absurdo. Não falo aqui dos absurdos da história embora eles sejam o seu fruto. O tédio, como o seu maior representante, silencioso, solapa até mesmo a esperança, sem todavia exinguí-la.

Em seu *Baudelaire et l'exérience du gouffre*, no famoso capítulo XXIX, sobre o tédio-*ennui*, Fondane afirma inicialmente a sua intenção de dicar um ultimo olhar à experiência religiosa de Baudelaire. O *ennui* de Baudelaire não é um tédio *pessoal*, mas um “tédio da civilização e talvez um tédio do cosmos”(FONDANE, 1994, p. 363). Para Fondane, “o tédio corresponde ao mal do pensamento por excelencia” (FONDANE, 1994, p. 364). “A angústia do acosmico, é a angústia do nada, o tédio é pois a angústia do nada”. E “o tédio não é mais um ‘estado de alma’, mas um estado de pecado, o crime por excelência que não figura entre os pecados teológicos. (FONDANE, 1994, p. 366).

Como um retrato de um fim próximo, seu próprio fim, prenunciado de tantas maneiras em seus escritos, gostaria de citar uma passagem longa de Fondane em seu *Baudelaire* que demonstra a sua visão da história e o quanto ela indubitavelmente muito atual:

a mais preciosa (timiotaten héxin), porque ela diz respeito ao ser, que é a realidade mais preciosa” e na nota 58 ele diz, “A dialética conduz ao ser, que é o objeto do saber e do intelecto, mas o intelecto deve ir mais longe, para o Um que, para além (epékeina) do ser, é o seu princípio. In Luc BRISSON e Jean-François PRADEAU (2003), Plotin – Traités 7-21, p. 486.

É o tédio que está na base das mudanças repentinas, das guerras sem motivo, das revoluções mortíferas, e não há causa mais operante que esta. Há uma necessidade de se sentir *existir*, de romper a *monotonia* do ser, do puro pensável; o crime, a vingança, a alegria de destruir por destruir, surgem livremente em um povo que há alguns instantes parecia tranquilo e sábio, suprema flor de uma civilização consumida. Os historiadores dirão *depois* que causas políticas, econômicas, sociais explicam essa irrupção; evidentemente, mas eles não terão notado o fato elementar de que este povo se entendia. Trata-se do tédio greco-romano, que se percebe como angústia, inquietude e que alcançou as mais altas crueldades e que deviam, como reação, servir de base à vitória do cristianismo. (...) Queremos sentir que *existimos*, mas é impossível existir nos parâmetros cognitivos dados, nos parâmetros sociais e religiosos imutáveis que proclamam que a existência é ... aparência. E o que melhor *revela* a existência se não este sentimento da dor? Quem melhor a desencadeia se não a crueldade? As almas simples, as massas irão recorrer à crueldade exterior; a inquisição, as fogueiras, os massacres de heréticos, as cruzadas; mas as almas finas se voltarão contra si mesmas. (...) É sobre este vasto fundo de tédio que serão tecidas as crueldades, as crucificações, que será destruído o inimigo, o diabo, o nada e quando até mesmo a tortura se tornar impotente, quando a imaginação se esgotar, o tecido primitivo reaparecerá à superfície e este será ... a acedia. (FONDANE, 1994, pp. 370-371)

CONCLUSÃO

As palavras do filósofo são pungentes. Elas tocam as verdades desmentindo-as. Como um “visionário”, ele sabia o que dizia e antevia seu destino.¹³ No artigo, *O homem diante da história ou o barulho e o furor*, o testemunho de Fondane diz o que não cala e seu grito pede ainda para ser escutado. Eis o seu grito derradeiro,

Eu sou um daqueles que foram profundamente marcados pelos acontecimentos dos últimos anos; daqueles que não se consolam por terem perdido tudo o que foi perdido; daqueles que não esqueceram, mesmo na vitória, os mortos, os feridos, as crianças famintas; menos ainda posso esquecer, em meio ao fracasso, e me contentar em me vangloriar, a “título de exemplo”, com as “revanches” futuras. Estou pronto, decerto, pois estou ameaçado, a defender a minha vida, nossa vida, nossa liberdade comum contra esta onda de crueldade e violência que parece nos colocar no centro mesmo do Apocalipse de João. (FONDANE, 1990, p. 137-138)

¹³ A partir de uma denúncia anônima à Gestapo, no mês de março de 1944, um mês após o ter escrito aquela que seria sua última obra, Fondane e sua irmã Line, foram presos pela polícia francesa e transferidos ao campo de Drancy (JUTRIN, 1990, p. II-III). Seus amigos, Paulhan, Lupasco e Cioran, conseguiram a libertação para Benjamin, mas não para Line, que não havia obtido a nacionalidade francesa. Fondane escolheu acompanhar sua irmã em seu trágico destino, tendo sido juntamente com ela deportado primeiramente para o campo de Drancy e em maio para Auschwitz. Não se sabe o destino de sua irmã. Sabe-se por um dos sobreviventes do campo que em 2 de outubro de 1944, os dois últimos caminhões vieram buscar aqueles destinados à câmara de gás, em Birkenau e Fondane estava entre eles. As referências biográficas referem-se aos escritos de Monique JUTRIN:1) Benjamin Fondane. Em <http://www.diasporiques.org/Fondane.pdf>; 2) Le dialogue interrompu: Fondane, Lupasco et Cioran. <https://fr.scribd.com/doc/17725051/Basarab-Nicolescu-Le-dialogue-interrompu-Fondane-Lupasco-et-Cioran>

Fondane cuidou de instruir e orientar, por meio de uma carta-testamento endereçada à sua esposa, Geneviève, enviada do Campo de Drancy, a respeito da organização (e publicação póstuma) de sua obra, para que os seus escritos não se perdessem. Apenas em 1945, Geneviève veio a obter a confirmação da morte de Benjamin, ao que ela disse: “Os nazistas não mataram apenas o meu marido, mas “Benjamin Fondane”.¹⁴

Geneviève testemunha, em uma carta enviada a Jean Ballard, em março de 1947, aquilo que seu marido lhe disse na Prefeitura de Polícia de Paris, antes de ser enviado para Drancy:

Por enquanto, me limitarei a apenas algumas lembranças. Antes de sua prisão meu marido me dizia em tom de confidência e com o humor que lhe era particular: “Se Hitler soubesse que eu existo, ele me prenderia...”. E, após a sua prisão, nos nossos encontros ocorridos na Prefeitura de Polícia, antes de ser enviado para Drancy: “Se houvesse no mundo um judeu, um judeu autêntico que Hitler deveria prender, este seria eu...”. Ele me dizia também: “Outros como nós passaram por lá. Devemos suportar tudo isso com coragem, como uma prova de ascetismo”. E em sua última carta clandestina de Drancy, na véspera de sua deportação: “Você sabe, eu já havia te dito, está escrito em nosso destino as coisas que não podemos mudar. O viajante ainda não terminou sua viagem (*Le voyageur n’a pas fini de voyager*)¹⁵, eu já escrevi. E bem! Eu tinha razão, eu continuo. É pelo amanhã e para sempre. (JUTRIN, 2009, p. 240)

Suas palavras, gritos roucos, loucos murmúrios, pedem para serem repetidos enquanto encantação. Até quando? Seria o grito a única maneira de “reverter” o mal na história e denunciar os abusos e desmandos da razão? O grito de Fondane ultrapassa os limites da filosofia e vai além.¹⁶ O grito que extravasa, transborda, se transforma em poesia, pungente e afiada navalha, que faz ver na dor e na tragédia humana aquilo que em nome da razão e de sua soberania, é necessário aniquilar, a vida.

A atualidade, a perspicácia e a nevrálgica sensibilidade de Benjamin Fondane impressionam. Sua consciência era a “consciência infeliz” (*La conscience malheureuse* – título do um de seus livros) do exilado, do sem lugar, do errante em terras de deserto e desterro humanos. A ultrapassagem da racionalidade enquanto anseio e necessidade vital

¹⁴ Lettres de Geneviève Fondane à Jean Ballard et Claude Sernet, http://www.benjaminfondane.com/un_article_bulletin-Lettres_de_Genevi%C3%A8ve_Fondane_%C3%A0_Jean_Ballard_et_Claude_Sernet-461-1-1-0-1.html

¹⁵ Fondane cita aqui um verso de seu poema Titanic.

¹⁶ O grito em Fondane corresponde ao tema de minha pesquisa de Pós-Doutoramento, O grito inentendido de Benjamin Fondane para além da dor da humanidade, realizado no Instituto de Psicologia da USP (IPUSP – Departamento de Psicologia Clínica sob supervisão do Prof. Dr. Gilberto Safra).

se torna manifesta em sua poesia, pois a filosofia veio depois. Assim o poeta torna-se filósofo¹⁷ para agradar o seu mestre, Léon Chestov e, mais ainda para poder “defender a sua poesia”, e a vida, como uma forma de resistência, uma exigência existencial. Seus escritos desvelam e escancaram o paradoxo ao contemplarem a “irresignação”, a esperança e a fé enquanto exigências existenciais e como urgência de transcendência.

REFERÊNCIAS:

BRISSON, L. & PRADEAU, J.-F. (dir). *Plotin: Traités 7-21*. Paris: GF Flammarion, 2003.

BERAY, Patrice; CARRASSOU, Michel. *Le voyageur n'a pas fini de voyager*. Textes et documents réunis et présentés par Patrice Beray et Michel Carrassou. Paris – Méditerranée: l'Eher Vague/ Patrice Thierry, 1996.

CHESTOV, Léon. *Kierkegaard et la philosophie existentielle – Vox clamantis in deserto*. Traduit du russe par T. RAGEOT et B. DE SCHLOEZER. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 1972.

CHESTOV. *Le pouvoir des clés*. Traduction du russe par Boris de Schloezer. Nouvelle édition corrigée, présentée et annotée par Ramona Fotiade. Les Bruit du temps, 2010

CHESTOV. *Athènes et Jérusalem. Um essai de philosophie religieuse*. Traduction du russe par Boris de Schloezer. Nouvelle édition corrigée, présentée et annotée par Ramona Fotiade. Les Bruit du temps, 2011.

CHESTOV. *La philosophie de la tragédie. Dostoievski et Nietzsche*. Traduction du russe par Boris de Schloezer. Nouvelle édition présentée et annotée par Ramona Fotiade. Les Bruit du temps, 2012.

CHESTOV. *La nuit du Gethsémani. Essai sur la philosophie de Pascal*. Traduit du russe par J. Exemliarsky. Paris: L'éclat/éclats, 2012.

CHESTOV. *Sur la balance de Job. Pérégrinations à travers les âmes*. Traduction du russe par Boris de Schloezer. Nouvelle édition présentée et annotée par Isabelle de Montmollin. Les Bruit du temps, 2016.

FONDANE, Benjamin. *Lévy-Bruhl et la métaphysique de la connaissance* (1940). Partis: Revue Philosophique de la France et de l'étranger, 129, mai-juin 1940, vol. CXXIX, 289-316 et CXX (1940) 29-54. Utilizei a versão completa do artigo cedida por Monique Jutrin.

¹⁷ Fondane dizia ter se tornado filósofo apenas para agradar (“pour faire plaisir”) a Leon Chestov.

FONDANE. *Faux Traité d'Esthétique. Essai sur la crise de la réalité*. Paris: Éditions Plasma, 1980.

FONDANE. *Rencontres avec Léon Chestov*. Texte établis et anotées par Nathalie Baranoff et Michel Carrassou. Préface Michel Carrassou. Paris: Éditions Plasma, 1982.

FONDANE. *Le Lundi existentiel*. Monaco: Editions du Rocher, 1990.

FONDANE. *Baudelaire et l'expérience du gouffre*. Preface de Patrice Beray. Bruxelles: Éditions Complexe, 1994

FONDANE. *Fondane-Maritain – Correspondence de Benjamin Fondane et Geneniève Fondane avec Jacques et Raissa Maritain*. France: Éditions Paris – Méditerrané, 1997.

FONDANE. *L'Être et la connaissance. Essai sur Lupasco. Présenté par Michel Finklestein*. France: Éditions Paris – Méditerrané, 1998.

FONDANE. *Le mal des fantômes*. Lagrasse: Éditions Verdier/Non Lieu/ Poche, 2006.